



Memória em cor

**FACULDADE SANTA MARCELINA
BACHARELADO EM MODA**

CHITA: ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE
RESGATANDO MEMÓRIAS E RECRIANDO ESTILOS NA MODA CONTEMPORÂNEA

Por
Mariana Bernardes Noronha

SÃO PAULO

2025

FACULDADE SANTA MARCELINA
BACHARELADO EM MODA

CHITA: ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE
RESGATANDO MEMÓRIAS E RECRIANDO ESTILOS NA MODA CONTEMPORÂNEA

Monografia apresentada à Faculdade Santa Marcelina como
requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Moda na
área de Estilismo

Orientação: Prof. Ms Simone Mina e Prof^o Dr. João Marcos da
Silva.

SÃO PAULO

2025



Dedico este trabalho aos meus pais, José Olinto e Luciana e à
minha avó Helenice, que sempre estiveram ao meu lado,
oferecendo apoio, amor e suporte em cada etapa dessa
conquista.



Agradecimentos



Gostaria de agradecer primeiramente a minha família que é o meu porto seguro e sempre acreditaram em mim. À minha mãe, pelo amor e incentivo e ao meu pai, pela força e apoio incondicionais. Cada ponto, cada ideia e cada cor deste trabalho têm um pouco de vocês.

Agradeço à minha orientadora Simone Mina e João Marcos da Silva, que guiou este percurso com paciência, apoio e incentivo, durante todo o processo de criação deste projeto.

Aos meus amigos queridos Vinicius, Mariana e Luiza que foram abrigo nos dias longos e companhia nas tardes e madrugadas de criação. Obrigada por acreditarem em mim, por cada riso no meio do caos e por me lembrarem, mesmo quando o cansaço pesava, do porquê de eu amar o que faço.

À Nicole e sua mãe Cláudia Pereto por me acolherem com tanto carinho e por me oferecerem o conforto e a calma de um lar, mesmo quando tudo ao redor parecia correr depressa demais. Obrigada por me fazerem sentir parte, por cada gesto simples e cheio de afeto.

Por fim, agradeço a mim mesma, por não desistir, mesmo quando o medo falou mais alto, mesmo quando o tempo apertou, mesmo quando parecia impossível.

“Entre tramas e cores, aprendi que criar também é lembrar e que a memória, quando feita com amor, nunca desbota.”

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a valorização de tecidos populares, a partir da construção de uma coleção de moda que propõe a ressignificação da chita – tradicionalmente associada à festividade e à informalidade – em um contexto contemporâneo. A pesquisa investiga as relações entre moda, memória e cultura, evidenciando como elementos considerados “comuns” podem ser reinterpretados em propostas autorais e inovadoras. Através de uma abordagem qualitativa, com metodologia projetual e análise de referências visuais e históricas, o projeto explora combinações entre a chita e outros tecidos planos derivados do algodão, buscando equilibrar tradição e modernidade na linguagem estética. O resultado é uma coleção que celebra a riqueza simbólica do tecido e sua potência expressiva dentro do design de moda.

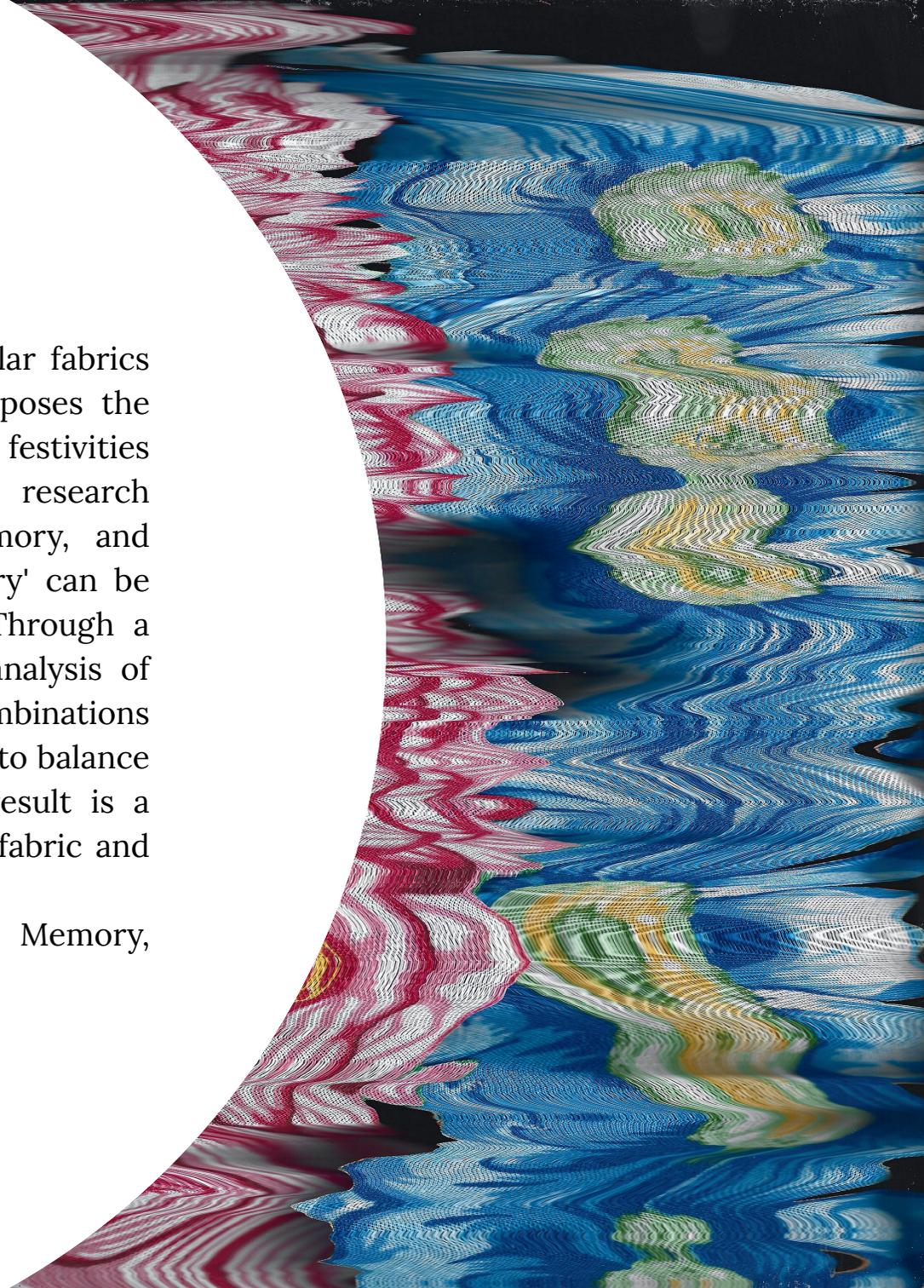
Conceitos-chave: Moda, Chita, Tradição, Modernidade, Memória, Interior.



Abstract

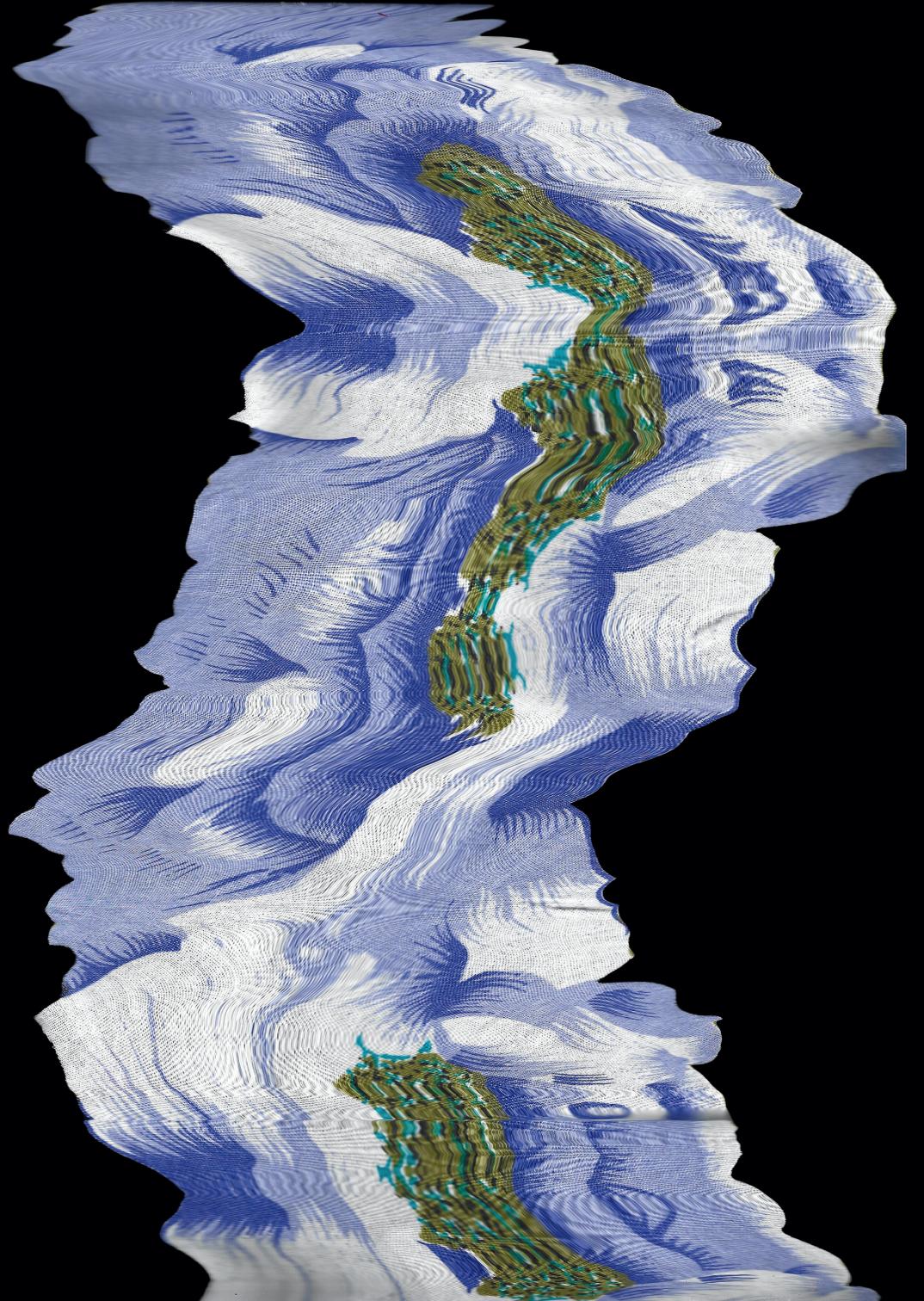
This work aims to reflect on the appreciation of popular fabrics through the creation of a fashion collection that proposes the reinterpretation of chita – traditionally associated with festivities and informality – in a contemporary context. The research investigates the relationships between fashion, memory, and culture, highlighting how elements considered 'ordinary' can be reinterpreted in authorial and innovative proposals. Through a qualitative approach, with project methodology and analysis of visual and historical references, the project explores combinations of chita with other cotton-derived plain fabrics, seeking to balance tradition and modernity in aesthetic language. The result is a collection that celebrates the symbolic richness of the fabric and its expressive power within fashion design.

Key concepts: Fashion, Chita, Tradition, Modernity, Memory, Interior.



Sumário

1. Introdução	7
2. Aspectos Introdutórios	8
3. História e Origem da Chita	9
4. Chita como Elemento de Memória e Cultura	18
5. Tradição versus Modernidade na Moda	22
6. Processos de Criação	30
7. Moodboard	38
8. Mapa Mental	39
9. Cartela de Cor e Estamparia	41
10. Materialidades	45
11. Formas	49
12. Público-Alvo	54
13. Line Up	55
14. Looks	56
15. Ficha Técnica de Produto.....	62
16. Editorial.....	63
17. Ficha Técnica de Produção.....	68
18. Consideração Final.....	69
19. Lista de Figuras.....	70
20. Referências Bibliográficas	71



Introdução

A moda enquanto linguagem cultural, carrega em si não apenas tendências e estilos, mas também memórias, afetos, identidades coletivas. No Brasil, poucos tecidos traduzem essa dimensão simbólica de maneira tão expressiva quanto a chita. Presente em festas populares, no espaço doméstico e em manifestações culturais diversas, a chita se tornou um ícone de brasilidade, marcada por cores vibrantes, estampas florais e pela capacidade de ressignificar o cotidiano em alegria.

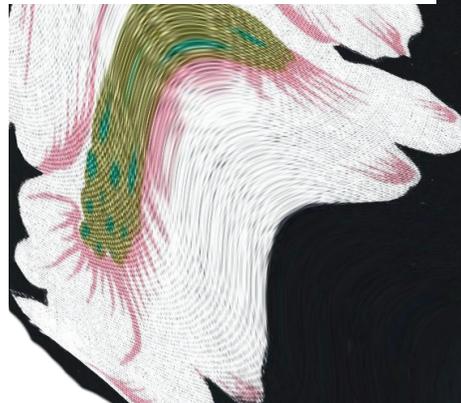
Este trabalho propõe uma reflexão sobre a chita como elemento de memória e identidade cultural, ao mesmo tempo em que busca reposicionar o tecido no campo da moda contemporânea. A partir de referências como um material historicamente associado à simplicidade e ao popular pode ser elevado a novas leituras, unindo tradição e modernidade.

A pesquisa parte de um viés não apenas acadêmico, mas também afetivo, A chita atravessa memórias pessoais da autora, que remetem a práticas domésticas transmitidas entre gerações, como as toalhas de mesa estendidas pela bisavó ou as almofadas bordadas pela mãe. Esses elementos íntimos se conectam a narrativas coletivas, relevando como a moda pode atuar como mediadora entre o individual e o social.

Assim, esta monografia tem como objetivo analisar o papel da chita na construção de uma identidade cultural brasileira, destacar sua ressignificação por meio do trabalho de diferentes estilistas e, por fim, apresentar uma coleção autoral o tecido como patrimônio cultural. Dessa forma, pretende-se não apenas valorizar o tecido como patrimônio cultural, mas também refletir sobre sua potência como ferramenta de criação na moda contemporânea.

Aspectos Introdutórios

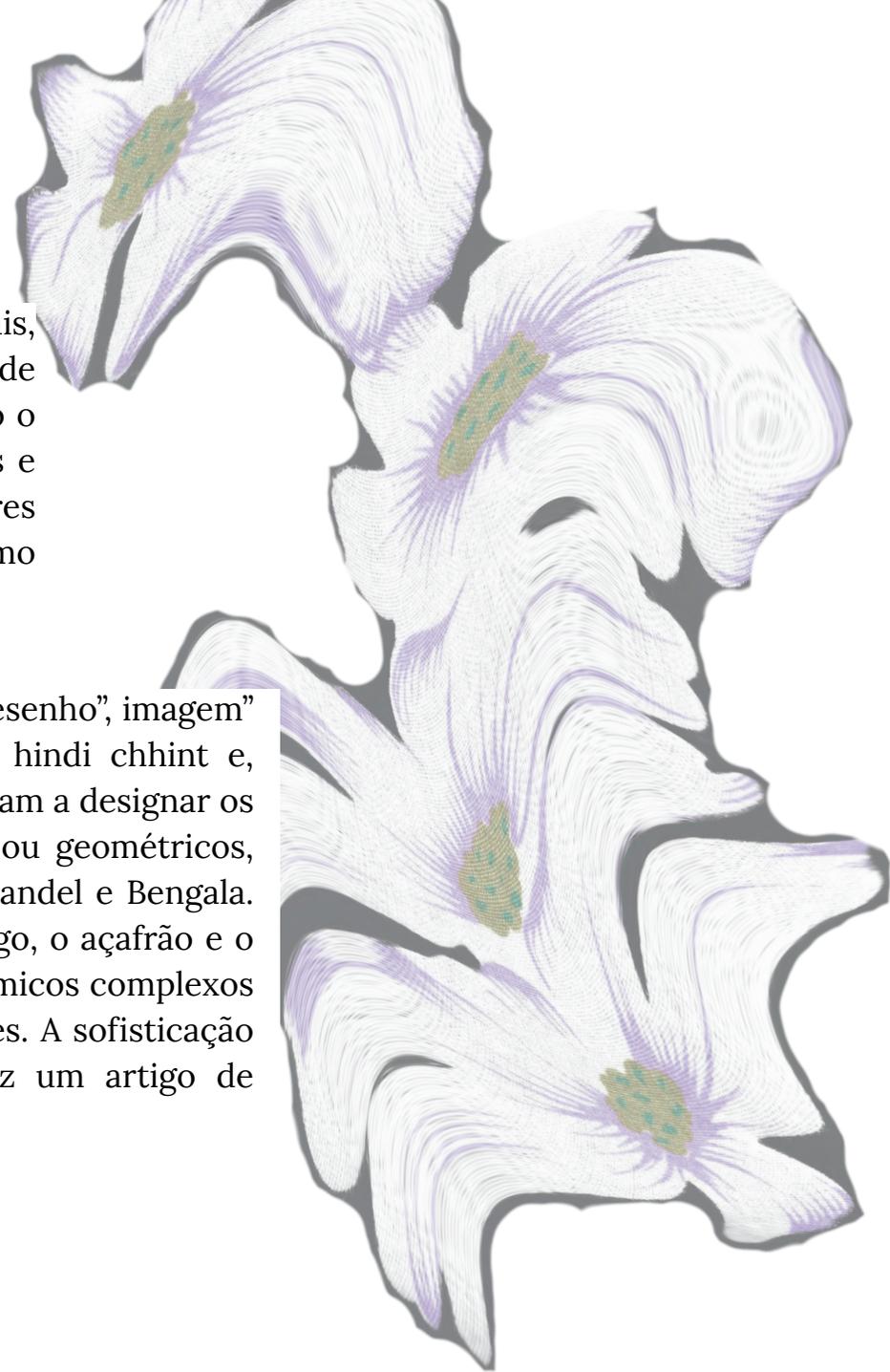
Em um cenário de moda cada vez mais globalizado, a valorização de elementos culturais locais torna-se um ato de resistência criativa e identidade. A chita, tradicionalmente associada a festas populares, regionalismos e ambientes domésticos, carrega consigo uma memória afetiva e uma história profundamente enraizada no cotidiano brasileiro. Falar sobre a chita hoje é resgatar e ressignificar essa tradição, inserindo-a em novos contextos estéticos e contemporâneos. Mais do que um tecido estampado, a chita representa cores, histórias, afetos e ancestralidade – e, ao ser incorporada em criações modernas, rompe com a ideia de que o “popular” não pode ser sofisticado. Assim, este trabalho propõe um olhar renovado sobre a chita, explorando suas possibilidades dentro da moda autoral como símbolo de identidade, inovação e pertencimento.



História e Origem da Chita

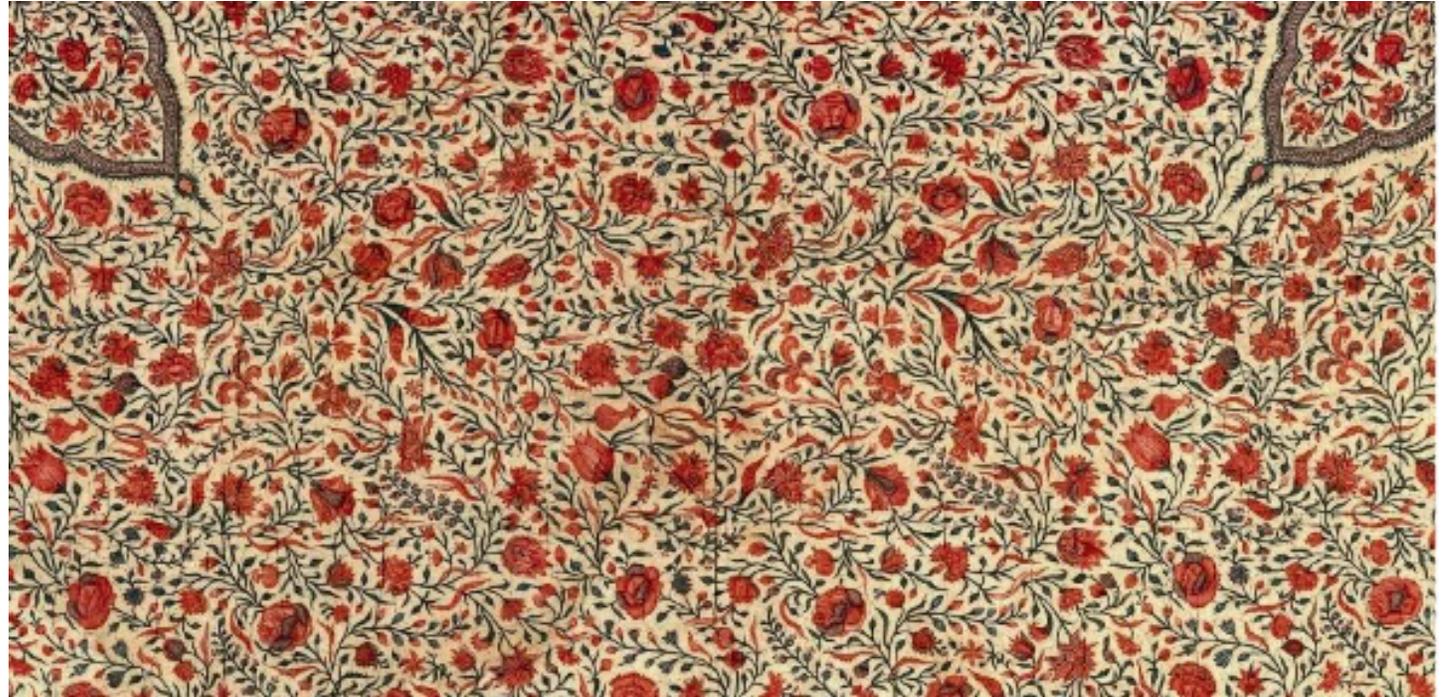
A chita é um tecido que carrega consigo uma trajetória marcada por trocas culturais, ressignificações e resistência. Sua origem remonta à Índia do período medieval, onde era produzida com algodão e estampada manualmente por meio de técnicas como o block printing – carimbos de madeira entintados que transferiam padrões florais e geométricos para o tecido cru. Essa técnica se desenvolveu a partir de saberes milenares relacionados à gravura em seda, originária da China, e consolidou-se como uma forma sofisticada de ornamentação têxtil no subcontinente indiano.

O nome “chita” tem raízes na palavra sânscrita citra, que significa “desenho”, imagem” ou “pintura”. Esse termo originou o persa chit, passando para o hindi chhint e, posteriormente, ao inglês chint, no plural chintz. Esses termos passaram a designar os tecidos de algodão estampados manualmente com padrões florais ou geométricos, originários da Índia, particularmente das regiões de Gujarat, Coromandel e Bengala. Esses tecidos eram tingidos com pigmentos naturais – como o índigo, o açafrão e o vermelho extraído da raiz da garança – e fixados com processos químicos complexos à base de metais, o que garantia durabilidade e intensidade das cores. A sofisticação técnica, aliada à riqueza estética dos desenhos, tornava o chintz um artigo de altíssimo valor.



O nome “chita” tem raízes na palavra sânscrita *citra*, que significa “desenho”, “imagem” ou “pintura”. Esse termo originou o persa *chit*, passando para o hindi *chinnt* e, posteriormente, ao inglês *chint*, no plural *chintz*. Esses termos passaram a designar os tecidos de algodão estampados manualmente com padrões florais ou geométricos, originários da Índia, particularmente das regiões de Gujarat, Coromandel e Bengala. Esses tecidos eram tingidos com pigmentos naturais — como o índigo, o açafrão e o vermelho extraído da raiz da garança — e fixados com processos químicos complexos à base de metais, o que garantia durabilidade e intensidade das cores. A sofisticação técnica, aliada à riqueza estética dos desenhos, tornava o chintz um artigo de altíssimo valor.

Figura 1: Estampa da Chintz



Fonte: [https://www.europeana.eu/en/stories/what-is-chintz?utm_ =](https://www.europeana.eu/en/stories/what-is-chintz?utm_=)

Figura 2: Vestido floral feito de Chintz



Fonte: <https://twonerdyhistorygirls.blogspot.com/2017/06/printed-perfection-two-piece-gown-of.html>

O fascínio europeu pelos tecidos chintz não se dava apenas por sua beleza, mas também pelo exotismo e pela delicadeza artesanal que contrastavam com os tecidos pesados da Europa da época. As estampas florais indianas, com ramos sinuosos, folhas tropicais e flores estilizadas, encantavam principalmente as mulheres da aristocracia e da burguesia, que viam nessas roupas uma forma de demonstrar sofisticação, cosmopolitismo e modernidade. Vestidos de chintz eram usados como peças informais, de verão, ou até mesmo de dormir, mas também se tornaram objetos de status, aparecendo em retratos e cerimônias.

Figura 3: Vestido com casaca feito em chintz



Fonte: <https://ateliernostalgia.wordpress.com/2017/07/01/chintz-in-the-fries-museum-how-chintz-was-worn/>

Esse entusiasmo, no entanto, estava profundamente ligado às estruturas do colonialismo e da escravidão. A produção do chintz na Índia dependia de um sistema já organizado de artesãos altamente especializados, mas sua exportação massiva foi incentivada por potências coloniais europeias — como Inglaterra, França e Holanda — por meio de companhias marítimas que lucravam com o comércio triangular. Tecidos chintz também eram utilizados como moeda de troca na África durante o tráfico de escravizados, sendo parte do circuito que conectava Europa, África e Américas. Assim, o tecido que parecia delicado e artístico no vestuário europeu também carregava uma história de exploração, controle imperial e apagamento cultural.

Além de seu uso em roupas, o chintz passou a decorar ambientes domésticos com cortinas, tapeçarias, roupas de cama e estofados. Era símbolo de refinamento, mas também de dominação cultural: o gosto europeu transformava um saber artesanal indiano milenar em um produto moldado para consumo ocidental. Quando a proibição de importação entrou em vigor (como na Lei do Calico, na Inglaterra, em 1720), muitos comerciantes passaram a estampar seus próprios tecidos, mas poucos conseguiram igualar a sofisticação dos tintureiros indianos, cuja técnica envolvia até 16 etapas de tingimento e fixação natural.

Figura 4: Chintz usada para decoração



Fonte: <https://www.tate.org.uk/art/research-publications/camden-town-group/ethel-sands-the-chintz-couch-r1136824>

Mesmo com as imitações europeias ganhando espaço, o chintz original nunca perdeu seu prestígio. No século XIX, com a revolução industrial, a produção em massa barateou os custos dos tecidos estampados, o que levou à popularização do chintz nas colônias — inclusive no Brasil. Aqui, o tecido passaria por mais uma transformação, ganhando o nome "chita", sendo reinterpretado pelas classes populares com um novo sentido cultural, que se desdobraria nas décadas seguintes em símbolo de resistência, brasilidade e memória.

No Brasil, o tecido chegou pelas mãos dos colonizadores portugueses, inicialmente como produto de luxo trazido das rotas marítimas do Oriente. Porém, com o tempo, a chita — já reinterpretada e industrializada na Europa — passou a ser produzida localmente e se popularizou como um tecido de algodão de baixo custo, acessível e colorido. Suas estampas florais e vibrantes dialogavam diretamente com o gosto visual das populações brasileiras, principalmente nas regiões Norte e Nordeste, onde a presença da cor, da exuberância e da ornamentação fazem parte da identidade cultural.

A chita logo foi incorporada ao cotidiano da população, sendo utilizada na confecção de roupas simples, saias, vestidos, lençóis, forros de almofada e cortinas. Na ausência de tecidos mais caros, ela representava uma solução prática e alegre, que ao mesmo tempo embelezava e atendia a necessidades básicas. Ainda que inicialmente fosse vista como “popular” ou “menor” no espectro da moda, foi justamente essa proximidade com o povo que fez da chita um ícone da cultura brasileira – especialmente em festas populares como o São João, o carnaval de rua e os folguedos tradicionais.

Figura 5: Festa de São João no nordeste.



Fonte: <https://www.preparaenem.com/historia/simbolos-da-festa-junina.htm>

Durante o século XX, com o avanço das indústrias têxteis nacionais, a chita passou a ser produzida em larga escala, principalmente em estados como São Paulo e Minas Gerais. Sua estampa característica – geralmente com fundo colorido e flores de tamanho médio a grande – tornou-se tão marcante que deu origem a diferentes variações, como a chitinha (com flores pequenas e delicadas) e o chitão (com flores grandes, traços marcados e cores vivas). O chitão, em particular, se tornou sinônimo de alegria e festividade, ganhando protagonismo nas festas juninas e no imaginário do sertão.

Mesmo com sua associação histórica às camadas populares, a chita tem sido, nas últimas décadas, objeto de resgate e revalorização dentro da moda, da arte e do design. Estilistas, artistas e pesquisadores têm se debruçado sobre suas origens, cores e significados para criar releituras contemporâneas que desafiam os preconceitos de classe e mostram que um tecido simples pode carregar camadas complexas de história, resistência e identidade.



Mais do que um simples tecido de algodão estampado, a chita ocupa um lugar simbólico na construção da cultura brasileira. Suas estampas florais coloridas, seu toque característico e sua onipresença em celebrações populares fazem dela um elemento carregado de memória, afeto e identidade coletiva. Trata-se de um material que ultrapassa sua função utilitária e ganha valor simbólico ao se tornar parte do imaginário social — especialmente nas camadas populares, onde se consolidou como marca de tradição e resistência cultural.

Presente em festas como o São João, o Carnaval de rua, o Bumba Meu Boi, os folguedos e procissões, a chita adorna corpos e espaços, com suas cores vibrantes e grafismos florais que remetem a uma brasilidade festiva e resistente. Para Gilberto Freyre (2006), a cultura brasileira foi moldada por elementos do cotidiano e da casa, incluindo tecidos, objetos e padrões sensoriais. Como ele afirma, “as coisas simples do lar — os panos, os cheiros, os sabores — são determinantes na formação de uma civilização mestiça e sensível, onde o gosto é expressão da identidade” (FREYRE, 2006, p. 87).

Figura 6: Festa Bumba Meu Boi.

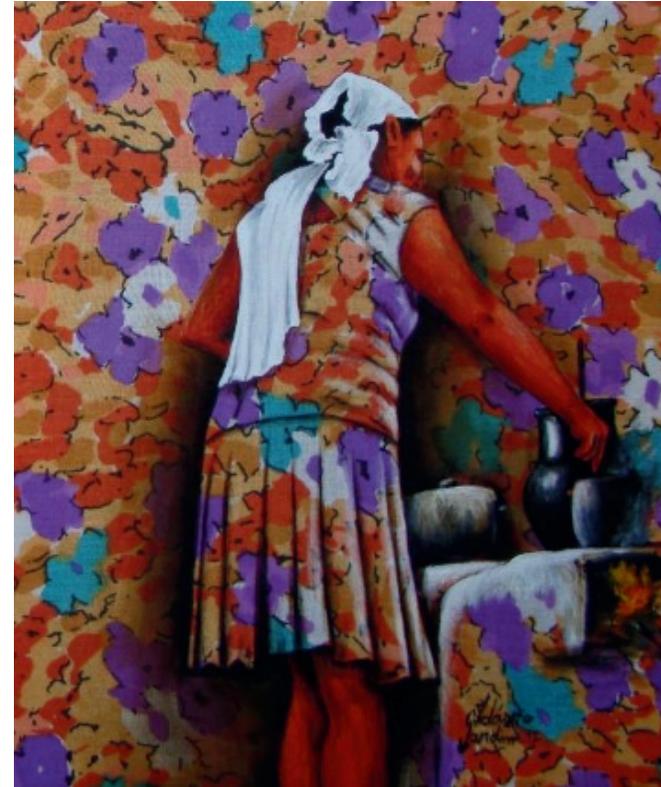


Fonte: <https://blog.buson.com.br/bumba-meu-boi-origem-lenda-festa-e-caracteristicas/>

Nesse sentido, a chita é também um marcador de identidade visual e sensorial que se expressa por meio da cultura material. Não é à toa que, ao longo dos séculos, ela se incorporou às práticas sociais do povo brasileiro e se tornou um signo estético reconhecível. A estética da chita é, portanto, um elo entre a tradição popular e a memória afetiva. Segundo Miriam Goldenberg (2011), “as roupas guardam lembranças, emoções, relações. São narrativas silenciosas sobre quem somos e quem fomos” (GOLDENBERG, 2011, p. 45). Para ela, o vestuário funciona como um mediador entre a individualidade e a cultura, pois articula memória, corpo e afetividade.

Essa dimensão afetiva é profundamente perceptível nas lembranças da autora em relação à chita. Visitas à casa de sua bisavó, no interior de Minas Gerais, revelam a presença desse tecido não só como vestimenta, mas como parte do ambiente doméstico: forros de mesa, almofadas bordadas à mão, cortinas e objetos que compunham o espaço cotidiano com beleza e acolhimento. A chita, nesse contexto, aparece como matéria da memória: simples, mas carregada de presença, de tempo e de cuidado. Essa tradição foi ressignificada e preservada também pela mãe da autora, que ainda hoje borda sobre chitas, perpetuando uma estética doméstica que, neste trabalho, é elevada a um novo patamar simbólico por meio da criação de uma coleção autoral.

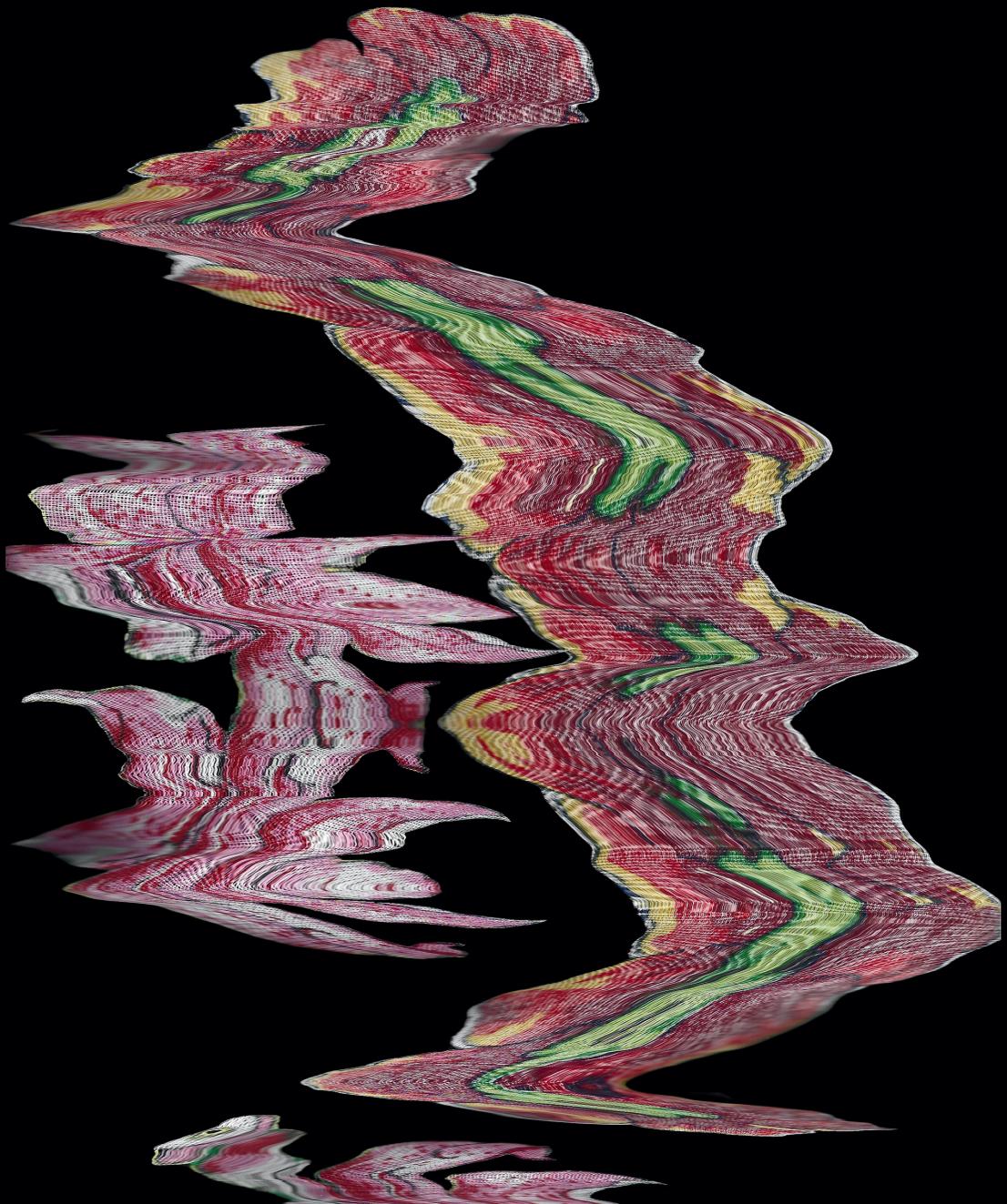
Figura 7: Senhora Cozinhando



Fonte: <https://atelier-toquedearte.blogspot.com/2012/10/gildasio-jardim-artista-plastico.html>

A escolha da chita como eixo central da presente coleção parte, portanto, de uma intenção crítica e afetiva: ao trazer esse tecido para o centro do discurso de moda, busca-se valorizar uma estética historicamente marginalizada, ressignificando por meio de recortes contemporâneos. A união entre tradição e modernidade, entre o artesanal e o autoral, permite que a chita se desdobre como linguagem visual e narrativa, ativando memórias e propondo novas leituras sobre o que é belo, legítimo e pertencente à cultura brasileira.

Além de sua dimensão doméstica e festiva, a chita também se articula com a noção de cultura popular como forma de resistência. Segundo Cunha (2001), “a cultura popular não é uma expressão do atraso, mas um campo dinâmico de produção de sentidos e de reinvenção do cotidiano” (CUNHA, 2001, p. 113). A permanência da chita, mesmo frente à industrialização e à homogeneização estética da moda contemporânea, é prova de sua resiliência como símbolo cultural.



Tradição versus Modernidade na Moda

A chita, tradicionalmente associada ao popular e aos espaços domésticos, encontrou novas possibilidades expressivas ao ser ressignificada por designers e artistas contemporâneos. Ao longo das últimas décadas o tecido deixou de ser um símbolo folclórico e regional, e passou a integrar discursos estéticos mais amplos – ora como provocação crítica, ora como ferramenta de valorização cultural e memória coletiva.

Figura 8: Exposição sobre “A Chita na Moda”



Fonte: <https://www.acasa.org.br/a-chita-na-moda>

Diversos criadores brasileiros exploraram essa dualidade entre tradição e modernidade, incorporando a chita em coleções de moda, figurinos televisivos e produções cinematográficas. A exposição “A Chita na Moda” (2005), com curadoria de Dudu Bertholini para o Museu da Casa Brasileira e A Casa do Objeto Brasileiro, é um marco nesse processo, reunindo nomes como Amapô, André Lima, Gloria Coelho, Lino Villaventura, Ronaldo Fraga e Reinado Lourenço, a mostra revelou como um tecido historicamente marginalizado poderia ser alcançado à condição de linguagem sofisticada e contemporânea.



Figura 9: Piedade dos Anjos (Cyria Coentro) tendo a chita e tecidos leve como figurino e Leonor (Marina Nery) com chita florida e rendas em figurino (respectivamente)

A presença da chita também fez parte das telas brasileiras. Em *Gabriela, Cravo e canela* (1975), a estilista Marília Carneiro eternizou os vestidos simples e sensuais feitos de chita, reforçando sua potência imagética. Em *Velho Chico* (2016), o figurino combinava chita com rendas e texturas regionais, compondo personagens femininas de forte ligação com o território e a ancestralidade. No cinema, o tecido aparece em cenas marcantes, como a colcha de chitão vermelho em *Carlota Joaquina* ou os ambientes carregados de brasilidade popular em *Carandiru*.

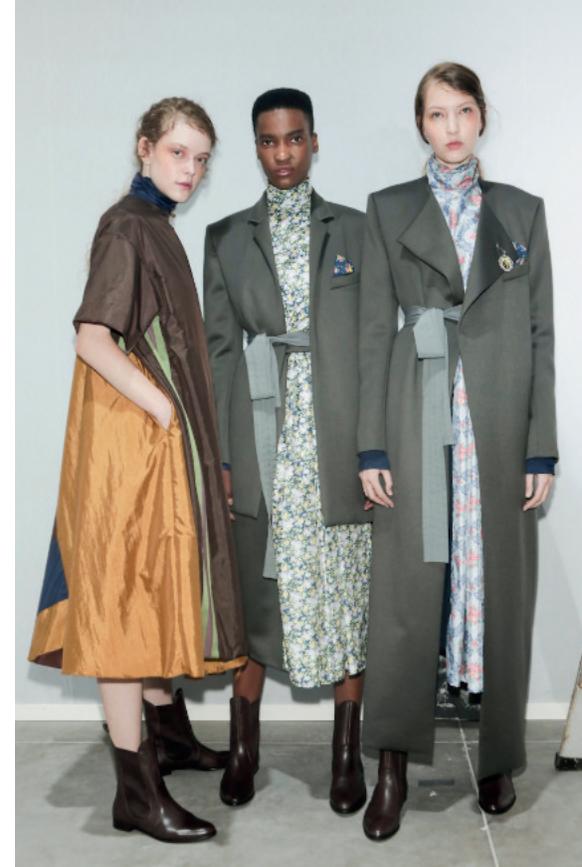


Fonte: https://ofuxico.com.br/galerias/conheca-os-detalhes-dos-figurinos-de-velho-chico/?utm_

Além desses contextos, diversas marcas brasileiras contribuíram para renovar e diversificar o repertório visual da chita, reposicionando-a no cenário da moda contemporânea. A Farm, por exemplo, incorporou o tecido em suas criações de apelo jovem e urbano, reforçando a ideia de brasilidade vibrante no prêt-à-porter. A Chitah assumiu o tecido como identidade de marca, explorando suas possibilidades cromáticas e estampas icônicas de maneira consistente.

Estilistas como Marcelo Summer -especialmente em sua coleção verão 2008- e Isabela Capeto, com seu olhar artesanal e poético, ressignificaram a chita em peças autorais, ricas em detalhes e acabamentos. Grifes como Iódice e Lenny Niemeyer levaram o tecido para contextos sofisticados, incluindo moda praia e resort wear, demonstrando sua versatilidade. Já João Pimenta, em sua alfaiataria criativa, apresentou a chita de forma inusitada, rompendo estereótipos de gênero e função do tecido. Essas interpretações coletivas colocaram a chita em diálogo direto com tendências globais, sem que perdesse sua força simbólica e seu vínculo com a cultura popular brasileira.

Figura 10: Modelos vestindo coleção de João Pimenta sobre pauperismo



Fonte: <https://ffw.com.br/noticias/moda/joao-pimenta/>

Entretanto, é com Zuzu Angel que a relação entre tradição e modernidade atinge sua potência máxima. Ao inserir a chita em suas criações no início da década de 1970, Zuzu rompeu com os padrões estéticos da alta costura europeia ao mesmo tempo em que celebrou uma brasilidade autoral com profunda carga simbólica. Sua coleção International Dateline Collection III – Holiday and Resort (1971), apresentada em Nova York, transformou a passarela em fórum de protesto silencioso e visceral. Ao invés das estampas floridas habituais, a apresentação trouxe pássaros presos em gaiolas, tanques de guerra, modelos militares e anjos ensanguentados, bordados em chita e tecidos leves, criando um contraste visual entre leveza e denúncia política.

Fig 11: Zuzu Angel com modelo, com o vestido Protesto Político.



Fig 12: Detalhes do bordado na gola.

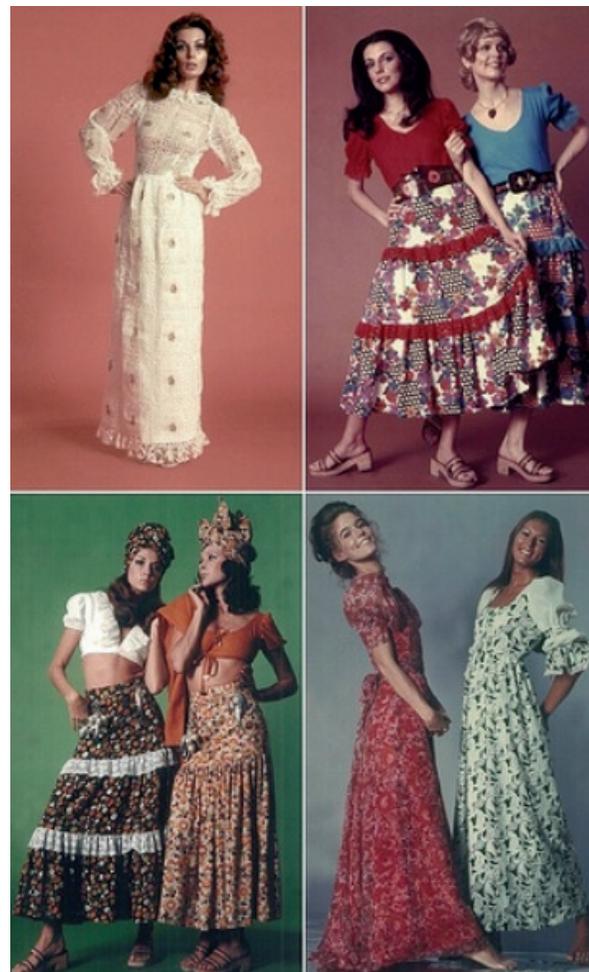


Fonte: <https://tinyurl.com/2ed56d3v/> e <https://tinyurl.com/4ptuadh4>

Ao final, Zuzu encerrou o desfile vestindo um longo preto, manto cobrindo a cabeça, cinto com cem crucifixos e um anjo de porcelana ao pescoço, símbolos carregados de luto pessoal e dor coletiva. Essa performance foi um ato de coragem: acontecer dentro do consulado brasileiro em Nova York significava que ela criticava o regime sem violar leis locais e internacionais – uma estratégia de resistência inteligente e com repercussão global.

Zuzu transformou a chita – tecido associado ao doméstico e popular – em linguagem política. Fez da moda ferramenta de denúncia e memória, reforçando que a força estética pode e deve, ser a voz de transformação.

Figura 13: Modelos vestindo a coleção International Dataline Collection, 1972



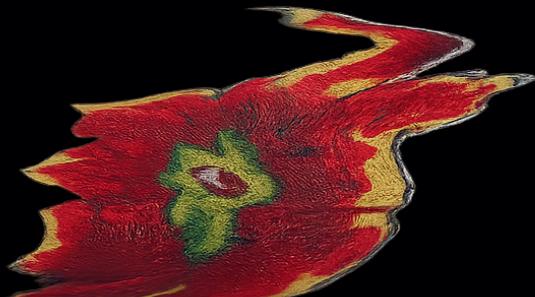
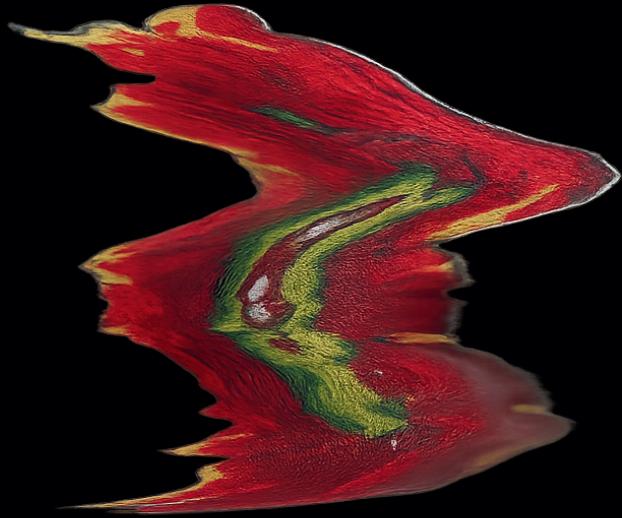
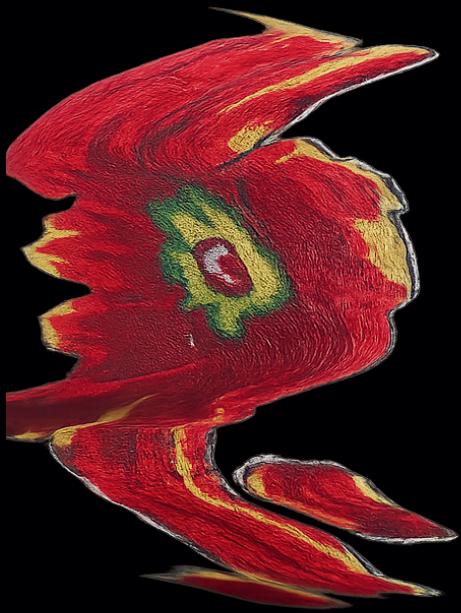
Fonte: <https://blogsigbol.wordpress.com/2015/09/12/estilistas-brasileiros-zuzu-angel/>

Mais do que um simples tecido de algodão estampado, a chita consolidou-se ao longo da história, como símbolo da cultura popular brasileira. Sua presença em festas como o São João, o Bumba Meu Boi, e procissões religiosas, assim como em espaço doméstico - em toalhas de mesa, colchas e cortinas - revela função para além do utilitário. A Chita carrega, carrega consigo uma narrativa de afetividade, simplicidade e pertencimento coletivo. Representou, sobretudo para as camadas populares, a possibilidade de construir a beleza a partir do acessível, reafirmando a força de um imaginário nacional que se apoia em cores vibrantes, flores exageradas e nas capacidades de transformar o cotidiano em celebração.

Na moda brasileira, a chita tornou-se um território fértil de experimentação e ressignificação estética. Estilistas como Ronaldo Fraga, Marcelo Sommer, Isabela Capeto, Lino Villaventura e, sobretudo Zuzu Angel, evidenciaram o potencial de um tecido historicamente marginalizado ao traduzi-lo em linguagem contemporânea, sofisticada e politizada. Em diferentes contextos, a chita deixou de ocupar apenas o espaço do popular e passou a integrar passarelas, exposições e produções audiovisuais, como novelas e filmes. Essa transposição do doméstico para o cenário da moda e da cultura reafirma a potência simbólica do tecido: um material que, mesmo marcado pela simplicidade, resiste, se atualiza e permanece como expressão de brasilidade.

Nos processos de criação, a chita atua como um fio condutor entre a memória e o fazer contemporâneo. Cada etapa, da pesquisa à experimentação, revela uma busca por traduzir o afetivo em forma e cor. A escolha por digitalizar elementos como flores e aviamentos familiares reafirma o caráter simbólico desse tecido, transformando-o em território de lembranças e reconstruções. A fusão entre o manual e o digital, entre o doméstico e o artístico, resulta em uma linguagem visual que ultrapassa o campo da moda e se aproxima da arte têxtil, reafirmando o potencial da chita como material expressivo e narrativo.

Ao longo desse percurso, a criação se configurou como um processo de resignificação: as digitalizações, colagens e sobreposições deram origem a composições que refletem o entrelaçamento entre tradição e modernidade. A chita deixa, assim, de ser apenas um suporte físico para vestir corpos e passa a revestir memórias, atuando como superfície simbólica e emocional. Nessa perspectiva, o fazer artístico se torna um gesto de continuidade — uma maneira de permitir que o passado se reinvente no presente, preservando sua essência enquanto se transforma em linguagem contemporânea.



Processos de Criação

A escolha da chita como eixo central desta pesquisa não é apenas resultado de uma análise estética, mas é o fruto de uma trajetória marcada por memórias afetivas, experiências e vivências no interior, que atravessa a história familiar da autora. Desde a infância, o tecido esteve presente em momentos mais cotidianos e simbólicos da minha vida de encontro e acolhimento: lembra de sua bisavó Iolanda estendendo toalhas de mesa de chita, sobre as quais a família se reunia para compartilhar momentos e refeições, compondo um ambiente simples, mas cheio de calor humano. Um gesto simples, mas carregado de afeto, transformava a mesa em um espaço de acolhimento e pertencimento. Nas visitas à casa da avó Helenice, o espaço doméstico era marcado pela presença de tal tecido em colchas, forros e, sobretudo, nas almofadas bordadas à mão, tradição artesanal que minha mãe mantém até os dias de hoje.

Figura 14: Almofada de fuxico



Fonte: acervo pessoal

Essa relação não se restringe ao âmbito familiar, mas se amplia à vivência no interior, onde a chita ocupava espaçosos coletivos e festivos. O tecido estava presente nas festas juninas da cidade, nas feitas populares e até nas procissões religiosas, sempre carregando consigo uma energia vibrante de celebração. Crescer nesse ambiente significou estar constantemente cercada pela presença da chita, em contextos tantos íntimos quanto comunitários. Esse convívio reforçou a autora a percepção de que o tecido não é apenas um material têxtil, mas um verdadeiro símbolo cultural, capaz de unir pessoas e de criar identidades coletivas.

As práticas manuais desempenharam também um papel fundamental na construção do meu olhar. O bordado, a costurar e o trabalho artesanal realizados pela bisavó, pela avó e pela mãe, foram não apenas atividades estéticas, mas momentos de partilha e aprendizado. Nesses gestos, a autora aprendeu a valorizar o tempo do fazer, a importância dos detalhes e a força simbólica contida nos trabalhos manuais. Essa herança despertou o gosto por manualidades, sem que soubesse, ainda criança, que estava construindo as bases da futura relação com a moda.

Figura 15: Vó da criadora, Dona Helenice e a criadora, Mariana, costurando



Fonte: acervo pessoal

Se na infância a chita parecia um tecido comum, hoje, como pesquisadora e criadora de moda, reconheceu nela um elemento carregado de significado. Ela não representa apenas a memória da família, mas também um universo cultural mais amplo, que conecta tradição, identidade e resistência. Nesse sentido, a chita se transforma em ponte entre o pessoal e o coletivo, entre o passado e o presente. É a partir dessa dimensão afetiva que desenvolve esta pesquisa, buscando ressignificar o tecido em diálogo com a contemporaneidade, sem perder de vista suas raízes populares e seu valor simbólico como patrimônio cultural.

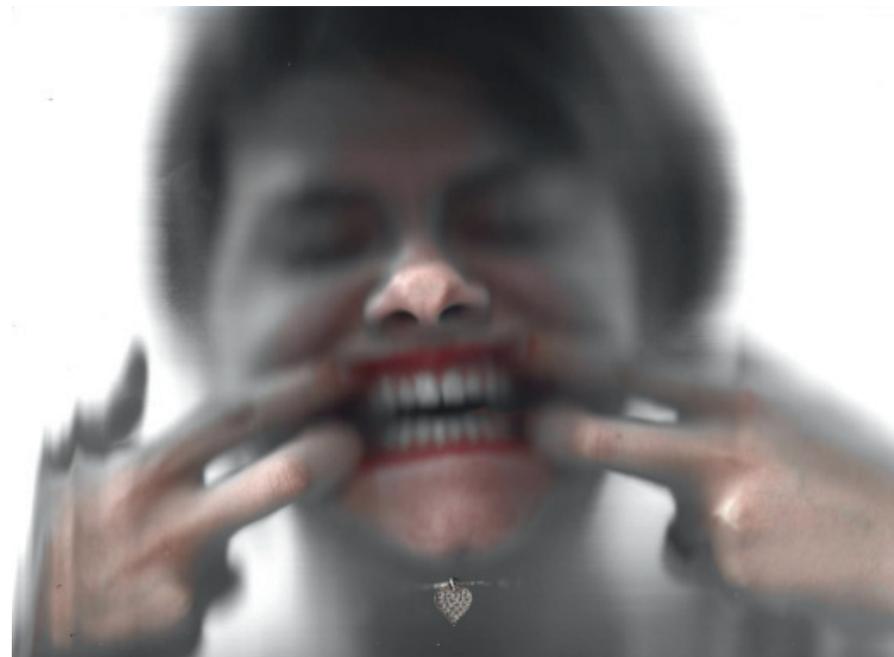
Esse percurso pessoal é atravessado pelas memórias da bisavó, Iolanda, da avó Helenice, e pela mãe Luciana, mulheres que sempre cultivaram o gosto pelas manualidades e pelas práticas ligadas ao fazer artesanal. Crescer no ambiente, cercada de tecidos, linhas e gestos de costura, despertou não apenas uma relação estética com o material, mas também uma compreensão de que a moda pode ser lugar de afeto, de preservação de memórias e de criação de novas narrativas. É a partir dessa relação íntima e familiar que controle o olhar sobre o tecido, buscando, por meio da coleção ressignificá-lo em diálogo com a contemporaneidade e com a própria trajetória como criadora.

O início da pesquisa se deu a partir de um mergulho na história na história da chita, buscando compreender suas origens, transformação e o papel que desempenhou ao longo do tempo na cultura material brasileira. Esse movimento inicial envolveu não apenas o levantamento bibliográfico, mas também a observação de como diferentes estilistas, artistas e produções culturais já se apropriaram desse tecido, ressignificando o em contextos diversos. Desde coleções de moda que trouxeram a chita para as passarelas até sua presença em figurinos de novelas e no cinema, foi possível perceber como o tecido circula entre o popular e o erudito, entre o cotidiano e a criação artística. Esses primeiros estudos forneceram uma base sólida para compreender a potência simbólica da chita, apontando caminhos para a própria deste trabalho. A análise dessas referências permitiu perceber que, mais do que um simples tecido estampado, a chita se configura como linguagem estética e narrativa, abrindo espaço para experimentações contemporâneas que dialogam com memória, tradição e inovação.

A partir da estruturação teórica, o estágio prático da pesquisa avançou para uma fase experimental pautada pelo fazer e pela materialidade. As primeiras intervenções passaram pela digitalização de elementos têxteis e orgânicos – flores e recortes de chita – que foram trabalhados em camadas digitais, distorções e sobreposições. Paralelamente, a autora desenvolveu maquetes e pequenas amostragens têxteis, tais como fuxicos, aplicações e sobreposições de tule e algodões planos e chita engomada com plástico pet em formato orgânico, para testar volumes, transparências e comportamentos do material em três dimensões. Esses experimentos práticos foram documentados no sketchbook da autora, permitindo analisar o diálogo entre cor, estampa, textura e orientar as decisões de modelagem e acabamento.

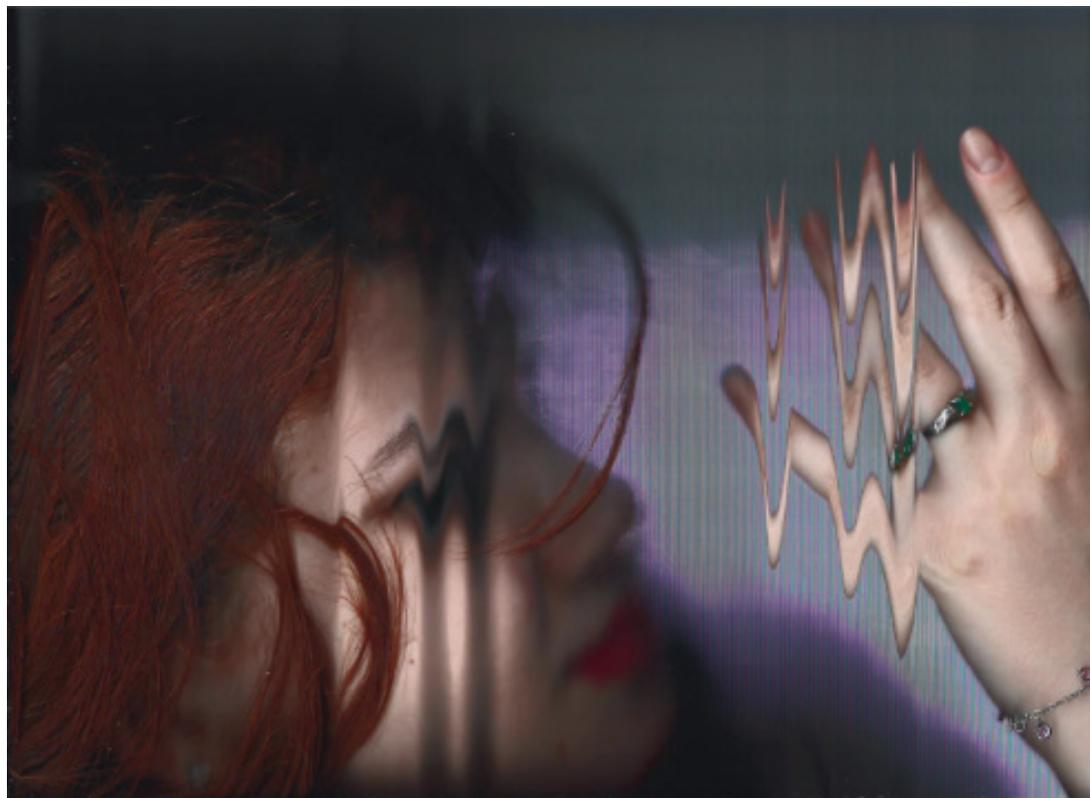
A escolha pela técnica de digitalização como recurso criativo não surgiu de maneira aleatória, mas dialoga diretamente com experiências prévias desenvolvidas em minha trajetória acadêmica. Em um projeto anterior, voltado à elaboração de uma revista conceitual sobre o corpo – pensado em sua dimensão visceral e também emotiva – experimentei o uso do scanner como ferramenta estética. Nesse editorial, partes do corpo foram escaneadas e propositalmente distorcidas, gerando imagens fragmentadas e expressivas que traduziam tanto fisicalidade quanto sensibilidade. A partir dessa experiência, percebi o potencial do scanner como dispositivo de criação, capaz de deslocar o real para o campo do simbólico. No presente trabalho, esse processo foi retomado inicialmente com a digitalização de flores reais, cujas formas e volumes, ao serem distorcidos, revelaram novas texturas e significados. Em seguida, a experimentação foi expandida para as flores da chita, permitindo que o próprio tecido fosse ressignificado por meio da desconstrução de sua estampa. Essa transição – do orgânico para o estampado, do natural para o cultural – evidencia a possibilidade de traduzir memórias e afetos em imagens contemporâneas, reforçando a proposta de unir tradição e modernidade na construção da coleção.

Figura 16: Scanner do corpo para revista feita NUOS



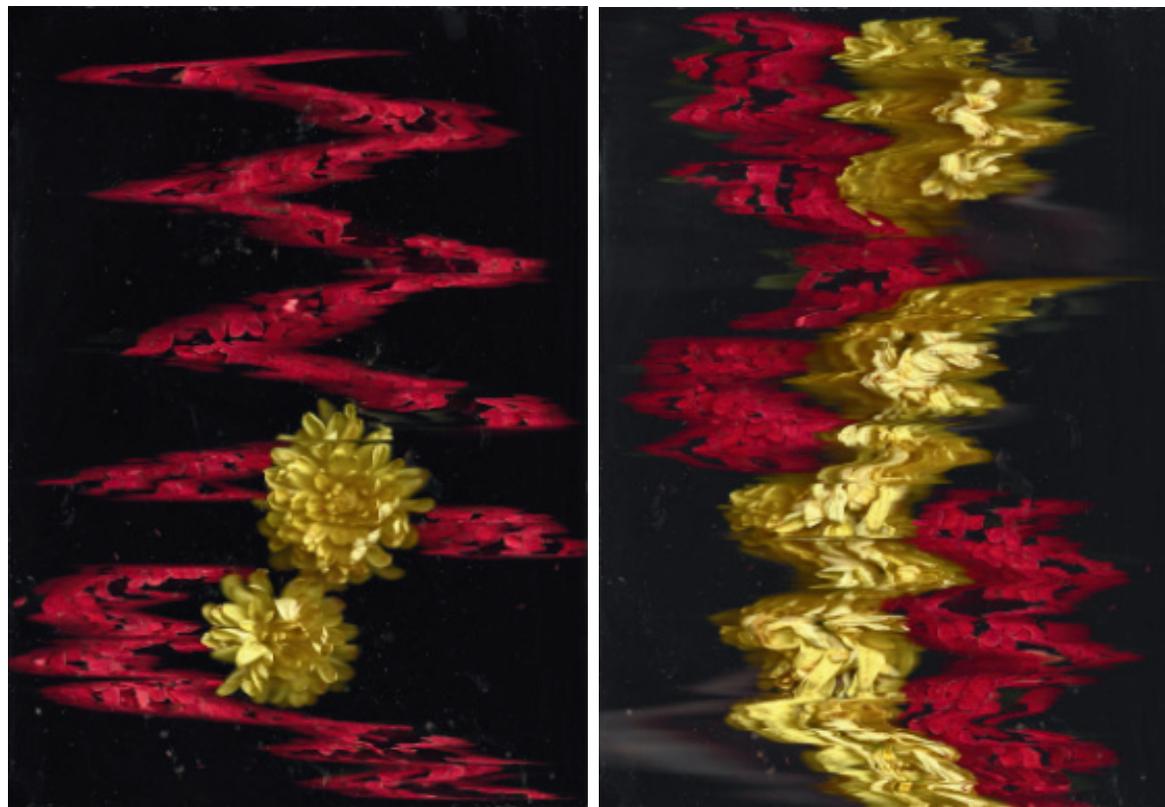
Fonte: acervo pessoal

Figura 17: Scanner do corpo para revista NUOS



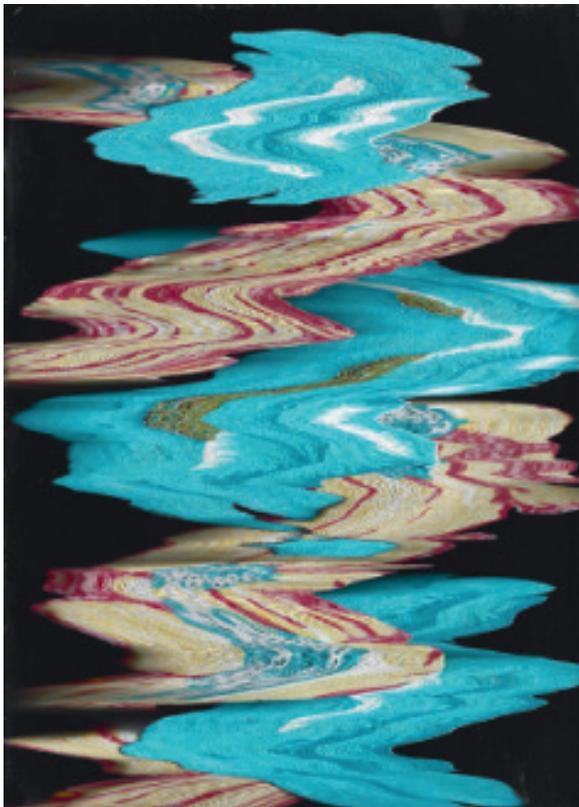
Fonte: acervo pessoal

Figura 18: Digitalização com as flores



Fonte: acervo pessoal

Figura 19: Digitalização da chita



Fonte: acervo pessoal



A abordagem metodológica mostrou-se essencialmente iterativa: cada teste – seja uma colagem digital, um recorte manual ou um experimento com aviação físico – gerou observações que retroalimentaram o processo, promovendo ajustes de escala, paleta e combinação de tecidos. O uso da chita em diálogo com tecidos de poliéster, revelou possibilidades de contemporaneidade sem apagar os traços de memória; já tendo outros elementos que foram usados como ponte entre o feito à mão, como bordados e a intervenção digital. Dessa forma, o processo concluiu-se como um circuito de pesquisa-criação em que a investigação histórica e afetiva é continuamente testada e traduzida em soluções formais, técnicas e narrativas para a coleção autoral.

MoodBoard

Figura 20: Digitalização da chita



Fonte: acervo pessoal

Mapa Mental

Figura 21: Digitalização da chita

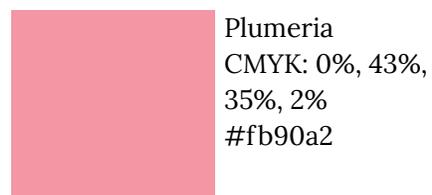
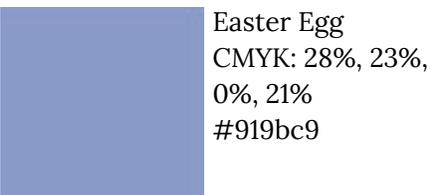
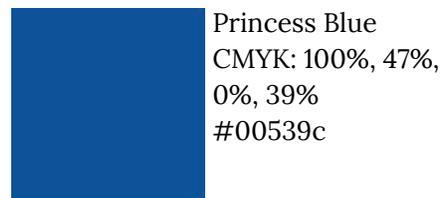
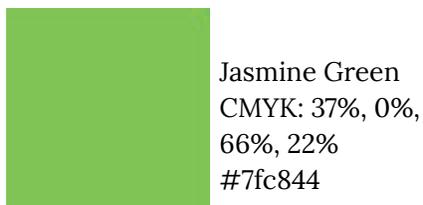
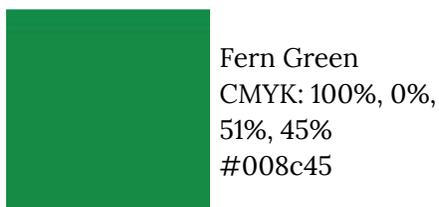
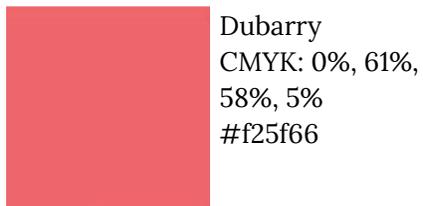


Fonte: acervo pessoal

O mapa mental elaborado resume os caminhos de inspiração e pesquisa que estruturam o desenvolvimento desta coleção. Nele, observa-se a presença da chita como fio condutor, mostrando referências que vão desde a sua trajetória histórica até os desdobramentos contemporâneos. A chita aparece associada às festas populares — como o São João e o Bumba Meu Boi —, mas também a tradições familiares, representadas por bordados, objetos de casa e fuxicos usados em diversas decorações de casa, roupa e até artesanato. Esse eixo evidencia a importância do tecido como elemento de memória afetiva, ligado tanto ao espaço doméstico quanto às celebrações coletivas da cultura brasileira.

Além disso, o mapa aponta para comunicações que ampliam o campo de atuação da chita. A digitalização de flores e estampas revela um processo criativo que atualiza o repertório visual do tecido, enquanto a presença de felinos e referências botânicas expande a simbologia em direção ao natural e ao instintivo. Essa rede de imagens, juntando os artistas, tradições e experimentações, traduz a proposta de unir o popular e o erudito, o passado e o presente, reforçando a ideia de que a chita pode ser ressignificada como linguagem contemporânea na moda.

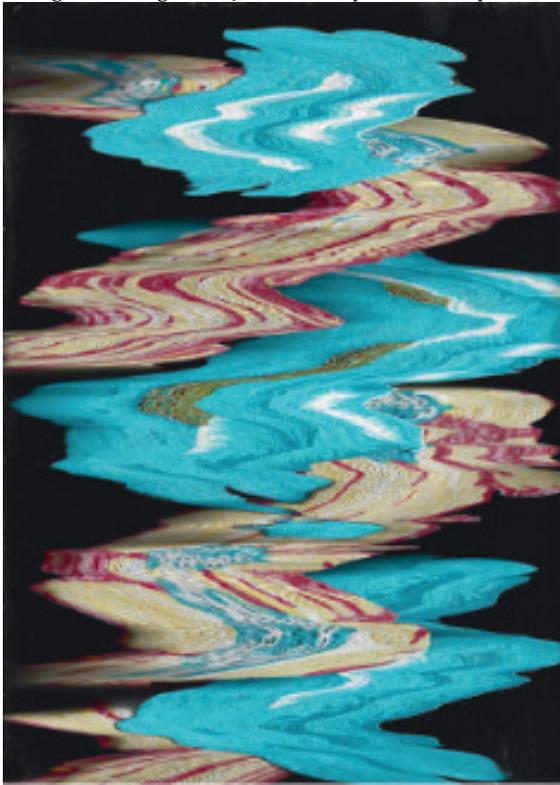
Cartela de Cor e Estampa



A cartela de cores escolhida para esta coleção foi desenvolvida a partir da observação das próprias estampas tradicionais da chita e do processo de digitalização pelo qual passaram. O objetivo foi valorizar a intensidade cromática característica desse tecido popular, mas também criar um repertório de tons que dialoga com a proposta contemporânea do projeto. Tons quentes, como o Summer Fig (vermelho queimado), o Carrot Curl (laranja vivo) e o Blazing Yellow (amarelo luminoso) remetem diretamente à alegria das festas populares e ao espírito vibrante do Brasil. Já os verdes, Fern Green e Jasmine Green, resgatam a conexão com a natureza e com a simbologia botânica sempre presente nas estampas da chita.

Os tons frios, como o Princess Blue, Blue Atoll e Easter Egg, surgem como contraponto, equilibrando a paleta e acrescentando profundidade visual às composições. O Plumeria (rosa suave) dialoga com a delicadeza e o afeto, trazendo um caráter mais intimista, enquanto o Black Beauty (preto neutro) funciona como base de contraste, reforçando a sofisticação e modernidade do conjunto.

Figura 22: Digitalização da chita para a estampa



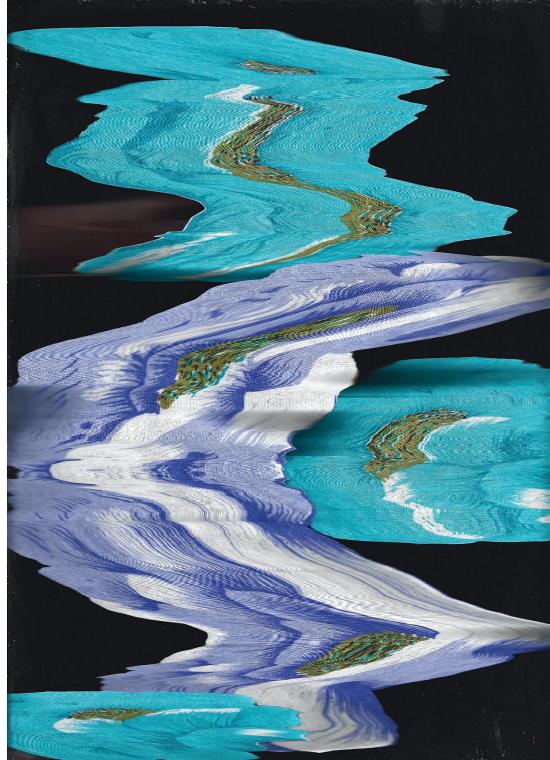
Fonte: acervo pessoal

As estampas utilizadas partem do processo da digitalização da chita. Essa experimentação permitiu distorcer, ampliar e ressignificar elementos já conhecidos, transformando-os em imagens híbridas entre o artesanal e o digital. O resultado é uma coleção de estampas que não apenas preserva a memória visual da chita, mas a transporta para um campo contemporâneo, onde tradição e modernidade coexistem em diálogo.

Figura 23, 24, 25 e 26: Digitalização da chita para a estampa



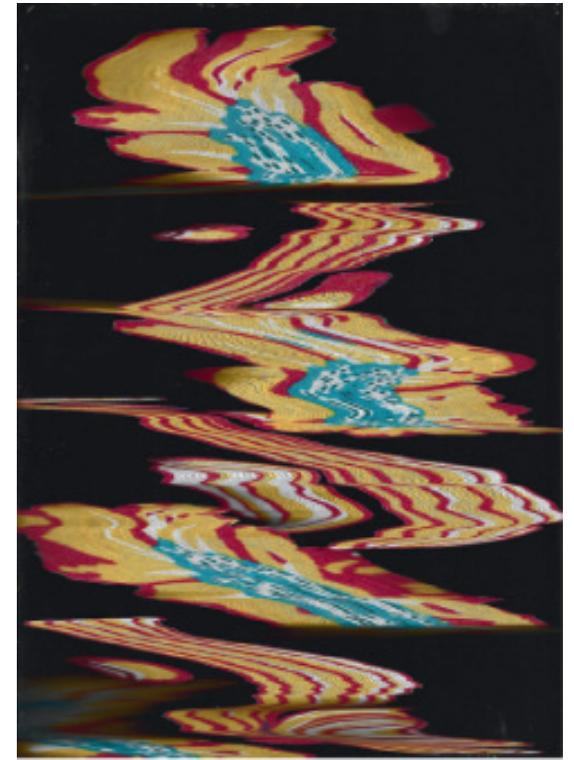
Fonte: acervo pessoal



Fonte: acervo pessoal



Fonte: acervo pessoal



Fonte: acervo pessoal



Materialidades

A escolha dos tecidos para a presente coleção foi escolhida por uma relação entre tradição e modernidade, articulando elementos populares, como a chita e a tricoline, a materiais associados à sofisticação e à inovação, como o denim e o zibeline. A intenção foi criar um diálogo estético no qual a memória afetiva se encontra com novas possibilidades de construção formal, permitindo explorar tanto o valor simbólico da cultura material quanto as potencialidades plásticas de cada tecido.

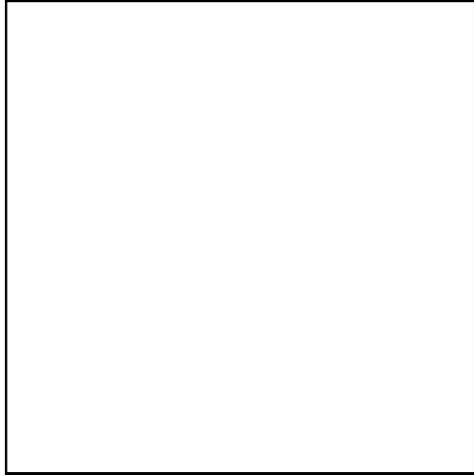
O denim, tecido de algodão de estrutura mais rígida, é aqui compreendido como um material moderno, associado ao urbano e ao contemporâneo. Sua durabilidade e versatilidade possibilitam a criação de peças estruturadas que contrastam com a fluidez da chita. O denim também carrega em si uma dimensão simbólica, já que historicamente foi incorporado à moda de forma a representar juventude, resistência e inovação, reforçando o caráter crítico e renovador da coleção.

A zibeline, por sua vez, foi escolhida pela capacidade de conferir volume e dramaticidade às formas. Trata-se de um tecido encorpado, de brilho sutil, tradicionalmente ligado à alta-costura e à confecção de vestidos de festa. Ao ser incorporada nesta coleção, a zibeline atua como suporte para a exploração da volumetria, criando silhuetas que rompem com a simplicidade da chita e elevam sua presença estética a um patamar de sofisticação.

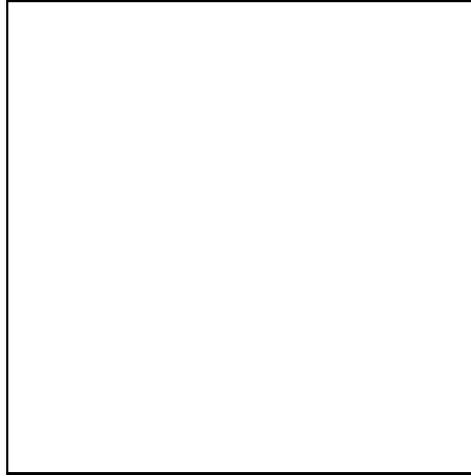
A chita, ainda que em menor quantidade, permanece como o eixo simbólico do projeto. Utilizada em detalhes e partes específicas, ela resgata o caráter afetivo e popular do tecido, funcionando como ponto de memória e identidade cultural. Sua presença, mesmo reduzida, é suficiente para ativar o imaginário coletivo que associa a chita às festividades e ao cotidiano brasileiro, reforçando a narrativa de ressignificação proposta nesta coleção.

Já a tricoline, também em pequenas aplicações, atua como complemento pela leveza e maleabilidade. Por ser um tecido plano de algodão, seu uso remete ao artesanal e ao doméstico, reforçando a conexão com práticas manuais e bordados que atravessam gerações. Além disso, sua simplicidade contrasta com a densidade da zibeline e do denim, oferecendo equilíbrio material ao conjunto.

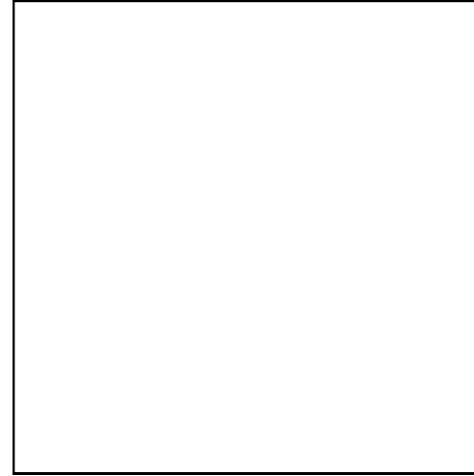
Assim, a combinação desses quatro tecidos — denim, zibeline, chita e tricoline — constrói uma materialidade híbrida, que não se limita ao caráter funcional dos materiais, mas propõe uma leitura crítica e estética da moda. A coleção se estrutura nesse entremeio: entre o popular e o sofisticado, entre a memória e a experimentação, entre a tradição e a modernidade.



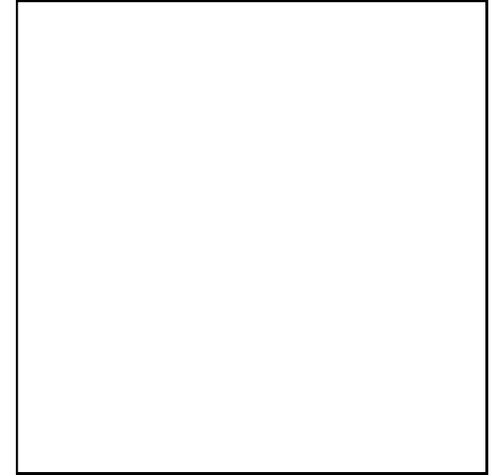
Zibeline



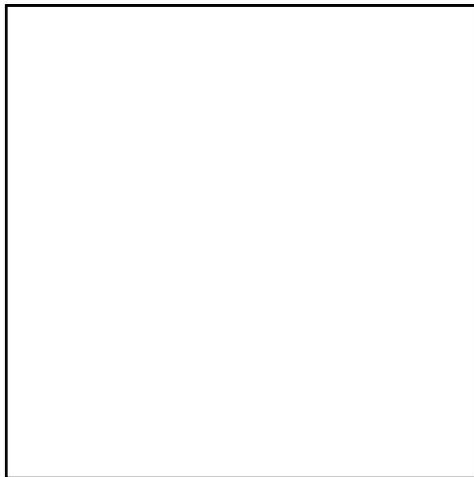
Denim



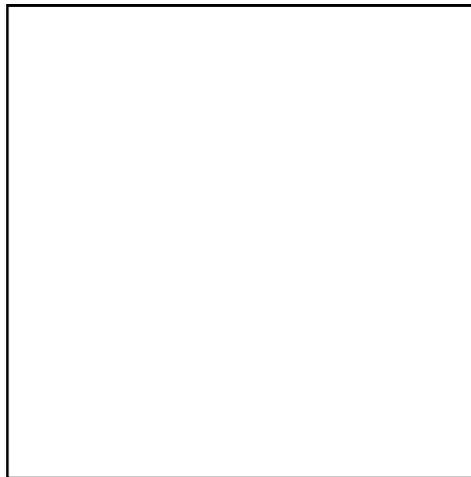
Chita



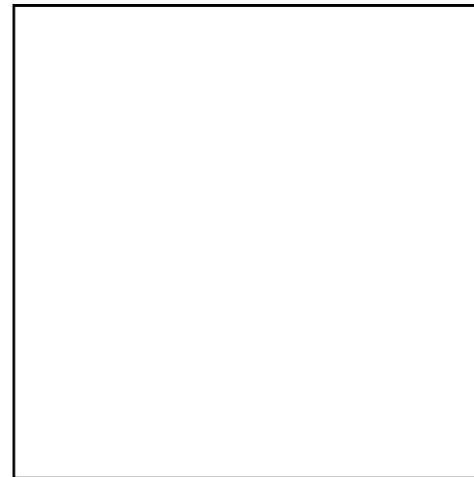
Tafetá



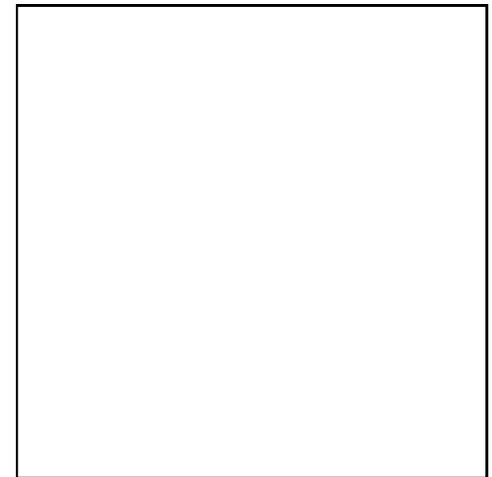
Zibeline Estampado



Zibeline Estampado



Zibeline Estampado



Zibeline Estampado

O percurso criativo também passou por transformações significativas. O primeiro line up elaborado para a coleção apresentava uma proposta distinta, ainda mais senhoril, tradicional e contida, em que a chita aparecia de forma direta nos looks, sem grandes deslocamentos conceituais. Contudo, a continuidade da pesquisa e a análise das referências ampliaram o horizonte criativo, revelando a potência de um caminho menos óbvio. Assim, o line up inicial foi abandonado e deu lugar a uma proposta volumétrica, experimental e contemporânea, onde a chita – agora digitalizada e reinterpretada – assume papel de destaque como elemento gráfico e simbólico, mas em diálogo com outras materialidades e formas que tensionam tradição e modernidade.

Figura 27: Primeiro Line up feito



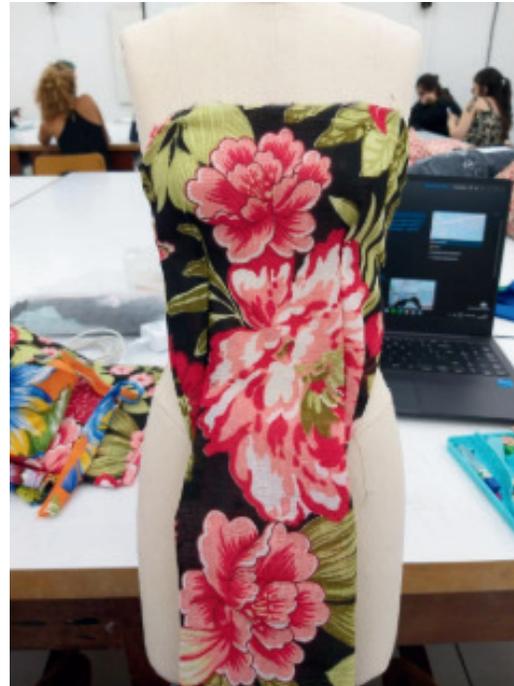
Fonte: acervo pessoal

Durante os estudos de formas, a intenção foi romper com o uso tradicional da chita em silhuetas simples e festivas, frequentemente associadas ao vestuário popular. A coleção propõe um deslocamento desse imaginário ao explorar modelagens orgânicas, volumétricas e experimentais, que trazem a chita para um campo de modernidade. O processo de digitalização do tecido potencializou esse movimento, pois as estampas distorcidas e ressignificadas ganharam uma nova dimensão estética, capaz de dialogar com propostas autorais da moda contemporânea. Assim, a chita, ao invés de ser tratada apenas como símbolo de tradição, se transforma em linguagem plástica e conceitual.

Figura 28 e 29: Moulages feitas em aula



Fonte: acervo pessoal



Fonte: acervo pessoal

Esse direcionamento foi fortemente influenciado pelo estudo de formas desenvolvido no 7º semestre, na disciplina de Styling e Estudos de Desfile, a partir da referência da Comme des Garçons. A abordagem da marca, marcada por experimentações volumétricas e desconstruções radicais da silhueta, serviu como inspiração para pensar a chita sob um olhar crítico e inovador. Dessa forma, a coleção articula a memória do tecido com o desafio de criar novas estruturas e propor narrativas visuais inéditas, que unem tradição, afeto e contemporaneidade em uma mesma proposta estética.

Figura 30 e 31: Primeiros esboços



Fonte: acervo pessoal



Fonte: acervo pessoal

Público Alvo

O público-alvo desta coleção é formado por mulheres jovens-adultas, entre 20 e 35 anos, residentes principalmente em centros urbanos e interessadas em moda autoral e inovadora. Esse grupo busca peças que ultrapassem a função utilitária do vestuário e assumam um papel expressivo, funcionando como extensão da identidade e da subjetividade. Trata-se de consumidoras que valorizam tanto o design quanto o discurso por trás das roupas, reconhecendo a importância de propostas que dialoguem com cultura, memória e afeto.

Ao mesmo tempo, são mulheres conectadas às linguagens contemporâneas, abertas à experimentação estética e ao uso de peças que transmitam originalidade. Não se identificam com a moda padronizada do consumo de massa, mas buscam narrativas singulares que reforcem sua individualidade. A chita, quando ressignificada por meio de processos de digitalização, volumetria e experimentações formais, desperta o interesse desse público por oferecer uma leitura atualizada de um elemento tradicional, possibilitando a união entre tradição e modernidade em suas escolhas estéticas.



Figura 36: Line Up Novo



Fonte: acervo pessoal

LINEUP

LOOKS

Blusa com ombreiras geométricas, estruturadas por tule

Calça com recorte vazado, com babados e short por baixo de chita

ZIBELINE
100% Poliéster

CHITA
100% ALGODÃO

DENIM
5% ELASTANO
95% ALGODÃO

Pregas

Viés de chita nas laterais

Memória em cor

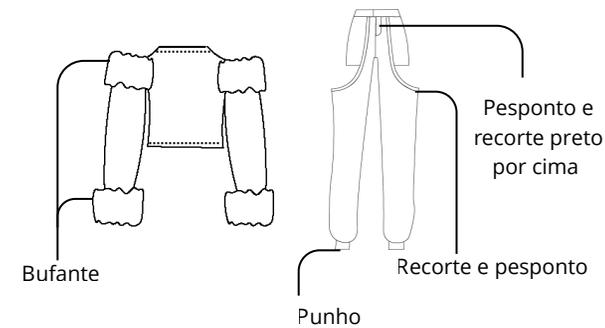
Fonte: acervo pessoal

2



Blusa de gola alta, com manga bufante no punho e acima.

Calça com modelagem ampla nas laterais e estampada



TAFETA
100% Poliéster



ZIBELINE
100% Poliéster



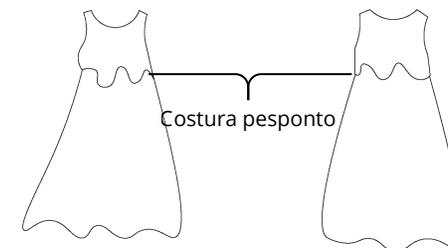
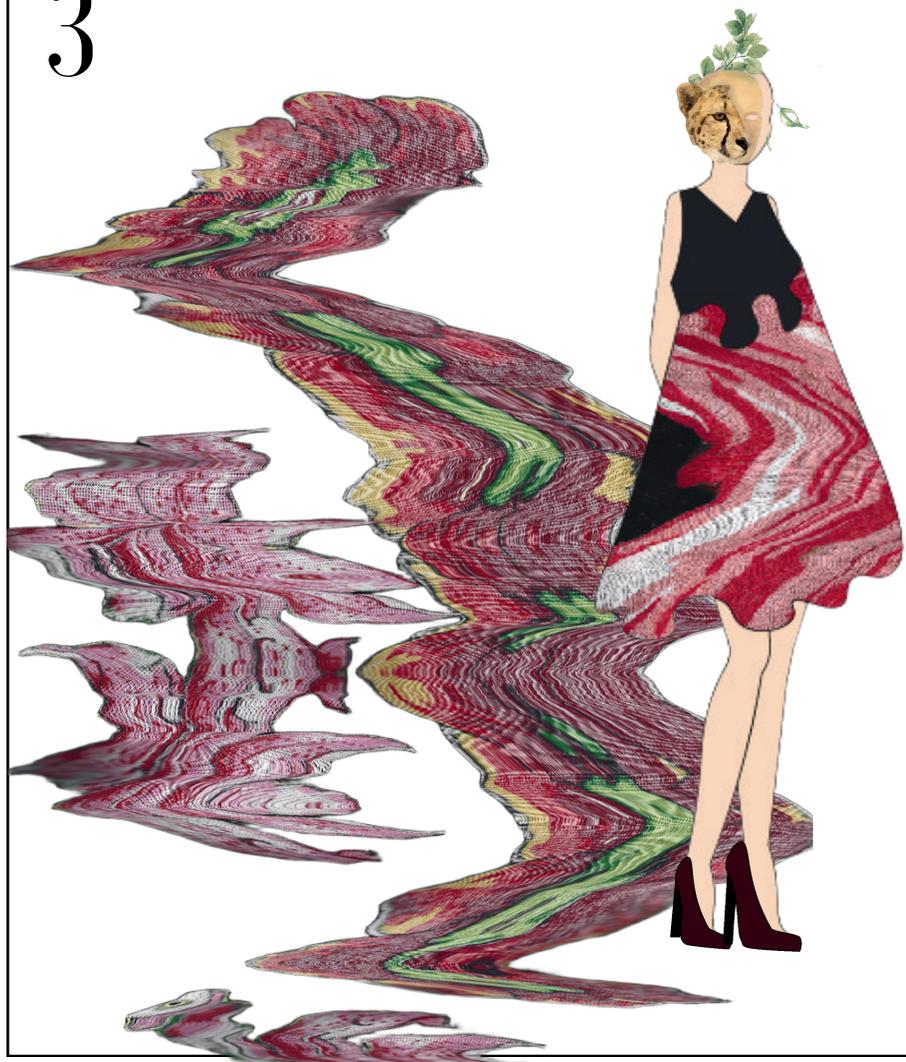
ZIBELINE
ESTAMPADA
100% Poliéster



Memória em cor

Fonte: acervo pessoal

3



Vestido com recorte ondulado e em godê na parte de baixo



ZIBELINE
100% Poliéster



ZIBELINE
ESTAMPADA
100% Poliéster



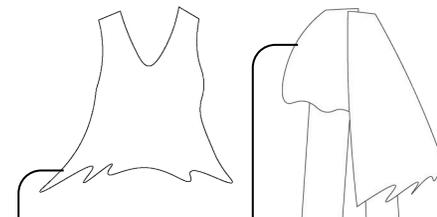
Memória em cor

Fonte: acervo pessoal

4



Formato retangular feita com "repuxado", por conta das costuras laterais



Saia metade balonê e metade evasê

Blusa estampada com caimento triangular nas laterais

Saia metade balonê e metade patchwork sobreposto com calça



PATCHWORK
100% Algodão



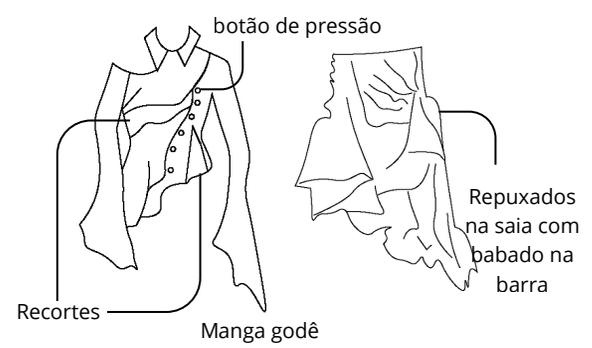
ZIBELINE
ESTAMPADA
100% Poliéster



TRICOLINE
100% ALGODÃO

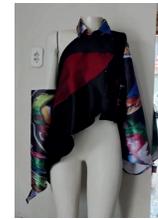


Memória em cor



Jaqueta com recortes, com ombro direito a mostra e manga godê

Saia em denim com ajuste para regulagem dos repuxados na parte da frente



ZIBELINE ESTAMPADA
100% Poliéster



DENIM
5% ELASTANO
95% ALGODÃO



ZIBELINE
100% Poliéster



Memória em cor

Fonte: acervo pessoal

6



“Nó” feito na parte das costas

Onde foi feito várias costuras em círculo e foi ajustando em manequim no final



Vestido com modelagem do Julian Roberts, com um “nó” na parte das costas



ZIBELINE
100% Poliéster



Memória em cor

Fonte: acervo pessoal

Editorial











Fichas técnicas de produção

Criação, pesquisa e diagramação: Mariana Bernardes

Orientação: Simone Mina

Modelagem e costura: Bruna Nascimento

Fotografia: José Olinto Noronha

Beleza (maquiagem e cabelo): Luciana Bernardes e Mariana Bernardes

Modelo: Giulia Silva Guarienti, Ana Luiza Siqueira de Abreu e Isabella Alves Garcia

Edição e pós-produção: Mariana Bernardes

Produção de moda e styling: Mariana Bernardes e Luciana Bernardes

Ilustrações e croquis: Mariana Bernardes

Local de produção: São Paulo, São Paulo

Ano: 2025

Considerações Finais

Este trabalho buscou compreender a chita não apenas como um tecido popular, mas como um suporte de memória, afetividade e identidade cultural. Ao longo da pesquisa, foi possível perceber que, por trás de suas cores vibrantes e estampas florais, existe uma história complexa de trocas culturais, resistência e pertencimento. A chita, inicialmente marcada pela simplicidade e associada às classes populares, revelou-se um símbolo de criatividade e valorização do cotidiano – um tecido que traduz o modo como o povo brasileiro transforma o ordinário em beleza e celebração.

A partir desse olhar, a coleção Memória em Cor propôs a ressignificação da chita no campo da moda contemporânea, deslocando-a do estereótipo do “popular” para um território de experimentação estética e simbólica. O diálogo entre tradição e modernidade foi explorado não apenas nas formas e materiais, mas também na narrativa que atravessa a criação, uma narrativa que parte do íntimo, das lembranças familiares e do espaço doméstico, para alcançar o campo da moda como expressão cultural.

A pesquisa reforça a ideia de que a moda é, antes de tudo, uma linguagem. E, como toda linguagem, ela carrega sentidos, histórias e afetos. A presença da chita neste projeto não é meramente estética, mas simbólica: ela materializa memórias, resgata saberes e reconta histórias através das mãos que costuram, bordam e criam. Ao unir o artesanal ao digital, o simples ao sofisticado, a coleção reafirma que tradição e inovação não são opostos, mas forças complementares capazes de construir novas possibilidades de expressão.

Assim, Memória em Cor se consolida como uma celebração da herança têxtil brasileira, das mulheres que tecem lembranças e da força poética presente no ato de criar. O resultado final ultrapassa o produto de moda e se torna uma extensão de uma trajetória pessoal e coletiva, um manifesto visual sobre o poder das cores, das memórias e da resistência que habita cada fio de chita.

Lista de Figuras

- Figura 1: Estampa da Chintz
Figura 2: Vestido floral feito de Chintz
Figura 3: Vestido com casaca feito em chintz
Figura 4: Chintz usada para decoração
Figura 5: Festa de São João no nordeste.
Figura 6: Festa Bumba Meu Boi.
Figura 7: Senhora Cozinhando
Figura 8: Exposição sobre “A Chita na Moda”
Figura 9: Piedade dos Anjos (Cyria Coentro) tendo a chita e tecidos leve como figurino e Leonor (Marina Nery) com chita florida e rendas em figurino (respectivamente)
Figura 10: Modelos vestindo coleção de João Pimenta sobre pauperismo
Fig 11: Zuzu Angel com modelo, com o vestido Protesto Político.
Fig 12: Detalhes do bordado na gola.
Figura 13: Modelos vestindo a coleção International Dataline Collection, 1972
Figura 14: Almofada de fuxico
Figura 15: Vó da criadora, Dona Helenice e a criadora, Mariana, costurando
Figura 16: Scanner do corpo para revista feita NUOS
Figura 17: Scanner do corpo para revista NUOS
Figura 18: Digitalização com as flores
Figura 19: Digitalização da chita
Figura 20: Digitalização da chita
Figura 21: Digitalização da chita
Figura 22: Digitalização da chita para a estampa
Figura 23, 24, 25 e 26: Digitalização da chita para a estampa
Figura 27: Primeiro Line up feito
Figura 28 e 29: Moulages feitas em aula
Figura 32, 33, 34 e 35: Finais esboços
Figura 36: Line Up Novo

EXPOSIÇÃO

CASA DO OBJETO BRASILEIRO. A chita na moda. São Paulo, 2005.

LIVROS

LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MELLÃO, Renata; IMBROISI, Renato. Que chita bacana. São Paulo: A Casa-Museu do Objeto Brasileiro, 2005.

BARBEIRO, Priscila. O tecido chita como proposta de ensino nas artes visuais. 2018. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

DUARTE, Jorge José Pereira. O tecido chita como ícone cultural da moda brasileira. Revista de Design, Tecnologia e Sociedade, 2017. Disponível em: [PDF].

SILVA, Emanuela Francisca Ferreira. Cesura e história na memória de uma estampa que é ícone de brasilidade: a chita. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguagem, Cultura e Discurso) – Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR), Três Corações, 2010.

WEBGRAFIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Chita e trabalho artesão: símbolos da cultura brasileira. UFPB Probex Comex, 2023. Disponível em: <https://www.ufpb.br/probexcomex/contents/menu/destaques-probex-comex/chita-e-trabalho-artesao-simbolos-da-cultura-brasileira>. Acesso em: 17 maio 2025.

AUDACES. A história da chita: um tecido quase brasileiro. Blog Audaces, 2022. Disponível em: <https://audaces.com/pt-br/blog/a-historia-da-chita-um-tecido-quase-brasileiro>. Acesso em: 25 maio 2025.

GOLDENBERG, Mirian. Invisíveis ou inclassificáveis? Gênero, corpo e envelhecimento na cultura brasileira. In: BARBOSA, Lívia; GOUVÊA, Maria Cristina (Org.). Corpo, moda e ética: pistas para uma reflexão de valores. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2011. p. 155-170. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/105464959/rev-mais-60-61>. Acesso em: 25 maio 2025.

FRANCESCHINI, Marta. What is chintz? Europeana, 23 maio 2023. Disponível em: <https://www.europeana.eu/en/stories/what-is-chintz>. Acesso em: 25 de maio 2025

SCOTT, Susan Holloway; CHASE, Loretta. Printed Perfection: A Two-Piece Gown of India Chintz, c1790. Two Nerdy History Girls, 5 jun. 2017. Disponível em: <https://twonerdyhistorygirls.blogspot.com/2017/06/printed-perfection-two-piece-gown-of.html>. Acesso em: 25 de maio 2025

ATELIER NOSTALGIA. Chintz in the Fries museum – How chintz was worn. Atelier Nostalgia, 1 jul. 2017. Disponível em: <https://ateliernostalgia.wordpress.com/2017/07/01/chintz-in-the-fries-museum-how-chintz-was-worn/>. Acesso em: 25 de maio 2025

FFW. João Pimenta. Disponível em: <https://ffw.com.br/noticias/moda/joao-pimenta/>. Acesso em: 21 de agosto de 2025

INSTITUTO Instituto Zuzu Angel. Fotografia de Zuzu Angel ajustando vestido do Protesto Político. Disponível em: <https://tinyurl.com/2ed56d3v/>. Acesso em: 20 de agosto de 2025.

LIMA, Crislaine. Estilistas Brasileiros: Zuzu Angel. Sigbol Fashion – Blog Sigbol, 12 set. 2015. Disponível em: <https://tinyurl.com/4ptuadh4>. Acesso em: 20 de agosto de 2025.

